



**RACCHI  
ZORRO**  
O  
QUINZE  
DE

cameron

# 0 QUINZE



# RACHEL ZORRILLO O QUINZE DE

1ª edição

cameron  
Rio de Janeiro, 2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Queiroz, Rachel de, 1910-2003

Q47q O Quinze / Rachel de Queiroz. – 1ª ed. – Rio de Janeiro:  
1ª ed. Cameron, 2018.

Prefácio, glossário, fortuna crítica, cronologia  
ISBN 978-85-65230-10-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

16-34618

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © herdeira de Rachel de Queiroz, 1930

Prefácio, curadoria de textos, glossário e cronologia: Elvia Bezerra

Capa: Victor Burton e Anderson Junqueira

Imagem de capa: profomo/iStock

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta edição à  
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA. para Cameron  
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão  
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e promoções.

ISBN 978-85-65230-10-0

Impresso no Brasil  
2018

# Sumário

## PREFÁCIO

O algodão da terra, por Elvia Bezerra 7

O QUINZE 15

GLOSSÁRIO 159

## FORTUNA CRÍTICA

Uma revelação: O Quinze, por Augusto Frederico Schmidt 165

Rachel de Queiroz, por Mário de Andrade 171

O sertão em surdina, por Davi Arrigucci Jr. 175

CRONOLOGIA 191



## Prefácio

### O algodão da terra

*Elvia Bezerra*

Quem acompanha a produção de Rita de Queluz, pseudônimo por trás do qual Rachel de Queiroz se escondeu nos jornais cearenses desde 1927, talvez se espante menos com a romancista que, aos vinte anos de idade incompletos, publicou, em 1930, o hoje clássico romance *O Quinze*.

Antes de considerar este livro que surpreendeu o Brasil, vale lembrar três questões que iluminam a forja onde era modelada a futura escritora.

Primeiramente, não se deve esquecer que na acolhedora casa alpendrada, de arquitetura franciscana, da Fazenda do Junco, no sertão cearense do Quixadá, Rachel de Queiroz viveu em ambiente intelectualmente refinado. A mãe, Clotilde Franklin de Queiroz, tratou de lhe tirar das mãos um livro de literatura *rosée* que a adolescente uma vez ensaiou ler e rapidamente o substituiu por um exemplar de *A cidade e as serras*, de Eça de



Queiroz. Em seguida viriam os clássicos franceses e, naturalmente, os russos. Formava, assim, o gosto literário da filha, irrigava-lhe o vocabulário e lhe alargava os horizontes muito além dos monólitos que cercam o Quixadá, registrados com tanta sensibilidade pelo fotógrafo Eduardo Simões.

Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que a marca de desassombro da autora, tão louvada na sua obra, está clara nos artigos que escreveu desde a estreia no jornal *O Ceará*, passando por *O Povo* e a revista *A Jandaia*, para citar alguns. Não só do ponto de vista temático como estilístico, a iniciante é a mesma que se consagraria na crônica e no romance.

Àquela época, do alto de seus dezesseis anos de idade, utilizou a imprensa como veículo para expressar suas inquietações mais latentes: clamava por completa reforma no ensino, que, na sua opinião, devia ser profissionalizante, assim como se insurgia contra os que negavam à mulher o direito de votar. Temas sociais, políticos, portanto, de que tratou sem rodeios, em linguagem desengomada, direta, desde o começo. Os colegas logo lhe reconheceram a “prosa forte”, que contrastava com as metáforas floridas de Susana Guimarães, colega de redação.

Em terceiro lugar, os quase três mil quilômetros que separavam Rachel de Queiroz de São Paulo não lhe toldavam a consciência em relação ao momento literário que se vivia naquele final da década de 1930, quando, no Sudeste, o movimento modernista chegava ao final da primeira fase. Como a mãe assinasse revistas literárias brasileiras e estrangeiras, a mocinha da Fazenda do Junco não só se mantinha atualizada quanto aos rumos da literatura como atendeu à conclamação de Mário de Andrade para “abrasileirar o Brasil”. Sem ter certeza ainda de sua forma

de expressão definitiva, ela, que nos jornais publicara crônica, folhetim e poesia, optou pela última para tratar dos temas que a moviam: a seca, o êxodo, a miséria, a fome e figuras históricas da mitologia cearense. Reuniu dez poemas sob o título de *Mandacaru* e escreveu um prefácio dirigindo-se aos Novos do Sul, oferecendo o livro como contribuição ao projeto modernista: “*Mandacaru*”, justificou, “é um dos balbucios com que nós, os do Nordeste, tentamos colaborar na grande harmonia nacional que vocês executam.” Queria se integrar às lutas “no afã de despirem o Brasil da velha e surrada casaca europeia, de o fazerem vestir uma roupa mais nossa, feita do algodão da terra”.

Não publicou o livrinho. Em vez de se empenhar em editá-lo, preferiu juntar-se ao irreverente grupo de colegas criador do suplemento literário *Maracajá*, encarte de quatro magras mas violentas páginas do jornal *O Povo*. Na página 10 do primeiro número, de 7 de abril de 1929 (haveria só mais um número), lê-se seu artigo “Se eu fosse escrever o meu manifesto artístico”.

Veja-se como nele pulsa a escritora que irromperia no ano seguinte. Escreve ela: “É que sinto que quanto mais próxima e familiar a paisagem, quanto mais íntimo o motivo de inspiração, quanto mais integrado o artista com o modelo, mais fiel, mais espontânea e sincera será sua interpretação.”

Aí estava, pronta, a autora do romance que começaria a compor em meados daquele mesmo ano de 1929, de acordo com seu depoimento em “Como foi escrito *O Quinze*”.<sup>1</sup> Os relatos sobre a seca

---

1 Queiroz, Rachel de. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*, nº 37, de 1976. [Texto reproduzido na edição do *O Quinze* da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.]

de 1915, que, desde menina, ouvia nas noites do Junco, somados à sua vivência de sertaneja, certamente não lhe davam munição bastante para escrever o que desde o início foi reconhecido como obra-prima. Tampouco seriam suficientes a formação intelectual e a experiência jornalística. Está claro que a altíssima qualidade do romance se deve ao talento da autora, talento que a fazia brilhar desde as estreias: foi assim no jornal *O Ceará*; seria assim em *O Quinze* e seria assim na “Crônica nº 1”, com que, em 1945, iniciou sua lendária colaboração de trinta anos na revista *O Cruzeiro*.

No depoimento sobre a concepção do romance, Rachel conta que, deitada de bruços no soalho da sala, à noite, no casarão do sítio do Pici, em Fortaleza, onde passara a morar com a família, escrevia, a lápis, num caderno escolar, à luz de um lampião a querosene. Para fugir à vigilância da mãe, preocupada com sua saúde, esperava que todos estivessem dormindo e só então escapava da área dos quartos e deslizava para a sala: “...parecia-me que a criação literária só poderia ser feita assim, no mistério noturno, longe do testemunho e dos comentários da casa ruidosa cheia de irmãos”. Depois — continua —, passou tudo a limpo numa velha máquina de escrever Corona. Em maio de 1930 recebia, da Gráfica Urânia, a primeira prova saída do prelo — atestam as páginas encontradas em seu arquivo.

Assim ficou consagrada na literatura brasileira a história da seca que devastou o Estado do Ceará em 1915. As personagens dona Inácia e a neta, Conceição, moça de 22 anos, professora e leitora ativa que visita a avó nas férias, no sertão do Quixadá, são apresentadas no primeiro capítulo, juntamente com o clima de apreensão pela falta d’água. Apreensão que dura pouco

para logo se converter na realidade da seca e na chegada de Vicente, com quem Conceição viverá um romance frustrado. Embora a divulgação na imprensa local tenha chamado atenção para a história de amor, o que ressalta agudamente na obra, como se sabe, são a fome, o êxodo, a errância do vaqueiro Chico Bento, Cordulina e sua família, durante a qual ocorre a morte do menino Josias, filho do casal, numa das cenas mais pungentes do livro.

Para escrever *O Quinze*, Rachel vestiu uma “roupa feita do algodão da terra” como anunciara no “Manifesto”. Daí a simplicidade da linguagem, o despojamento da estrutura narrativa, a construção do enredo que se desenvolve em 26 capítulos curtos, como se a autora os dispusesse em cenas numa galeria de imagens. Cenas capazes de trazer o leitor para o sertão seco, onde tudo murcha, erra, some e morre. Nada ali floresce. Tudo sucumbe à desolação do entorno. É preciso que o amor romântico aborte cedo para que Conceição e Vicente se voltem para os seus caminhos: ela, na dedicação à seca e às diversas formas de sofrimento decorrentes do flagelo. Ele, na objetividade de seu ofício de vaqueiro. Desse modo, Rachel de Queiroz tingiu a narrativa de desilusão, sem esquecer as nuances que lhe conferem aquela sinceridade de interpretação defendida no “Manifesto”. Trabalhou com o que havia de mais puro, mais genuíno, rejeitando qualquer tipo de adorno. Para isso usou — e como — de talento na escolha do vocabulário. Os verbos são precisos, cortantes, intransferíveis, assim como os adjetivos, jamais gratuitos. A concisão, de que é exemplo esta descrição, é absoluta: “O próprio leito das lagoas vidrara-se em

torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas.”

Pouco mais de uma dúzia de palavras e se tem diante dos olhos a imagem da planta (pacavira) morta, cuja função é marcar, com suas folhas sem vida, a lama vitrificada pelo sol em terra antes coberta pela água. Morte sobre morte, portanto.

“O céu, na seca, treme como uma gaze repuxada” é mais um exemplo da força da imagem criada pela romancista com economia admirável, tônica do romance. Tudo se tensiona em *O Quinze*, tudo se esgarça: desde o céu, como “gaze repuxada”, à terra, sulcada pela falta d’água. Do mesmo modo são as personagens, em consonância com a terra: lentas, silenciosas, desoladas.

Voltando um pouco: conhecer os versos de *Mandacaru* é fundamental para se entender a busca estética de Rachel de Queiroz naquele final da década de 1920. Ela intuía que faria algo importante, mas não estava certa quanto ao gênero. Tateava. Pensou que seria por meio da poesia. Felizmente não tardou que o bom senso lhe indicasse o melhor caminho: rapidamente abandonou a eloquência dos versos e dedicou-se à sobriedade do romance onde “tudo é vivo, mas nada chama a atenção”, como diz Arrigucci Jr. em seu texto definitivo, incluído na fortuna crítica desta edição.

Temas e personagens se anunciam em *Mandacaru* para se ampliarem em *O Quinze*. Nos versos, fermenta o romance que consagraria a autora, para quem o êxodo seja, talvez, o que mais lhe punge a alma. A emigração que deriva da seca, sendo tema regional, é universal, na medida em que traduz o afastamento das raízes, próprio do exílio. Toda a emoção que transborda nos versos imaturos de *Mandacaru*, que somente em 2010 seria lan-

çado pelo Instituto Moreira Salles, se condensa e se tensiona no romance, com a via-crúcis do vaqueiro Chico Bento e a família.

A crítica foi certa. No Rio de Janeiro, o poeta e editor carioca Augusto Frederico Schmidt não precisou passar da página dez para formar sua opinião. Conhecedor, assim como Rachel, do que foi chamado de “literatura da seca” por meio de *O paroara*, de Rodolfo Teófilo, *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, em que a seca de 1877 perpassa toda a narrativa, ou *A normalista*, de Adolfo Caminha, e ainda de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, Schmidt afirma que, em nenhum deles, encontrou “tanta emoção, tão pungente e amarga tristeza”. Mário de Andrade estranhou a “versalhada” que a autora incluiu, depois do prefácio. Mário desconfiou — e acertou — que o poema era de Rachel de Queiroz. E não gostou:

Prefácio e versos são literatice mas da gorda. [...] O que surpreende mais é justamente isso: tanta literatice inicial se soverter de repente, e a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, sem exagero, sem sonoridade, uma seca seca, pura, detestável, medonha [...]. Rachel de Queiroz eleva a seca a suas proporções exatas. Nem mais, nem menos.

Mário, naturalmente, desconhecia os versos de “O êxodo”, de *Mandacaru*, até então inédito. Ignorava também o que neles havia de esforço antes que a autora acertasse a mão para tratar do tema com a superioridade com que o faria em *O Quinze*.

Em entrevistas concedidas na maturidade, Rachel de Queiroz afirmava que o romance não tinha sido bem recebido em Fortale-

za. É possível que a tivesse marcado a crítica de um desconhecido, autor de artigo mal fundamentado e publicado em *O Povo*. Talvez tenha sido a única. Na verdade, a recepção em seu estado natal também foi positiva. O romancista Antônio Sales, nome de prestígio nas letras daquela época, publicou longo artigo, intitulado “Uma estreia fulgurante”, em que louva a obra. Se lhe reconhece alguns senões, que atribui à imaturidade da autora, justifica-os afirmando que “são tão poucos e insignificantes que se perdem de todo no conjunto das reais qualidades do livro, como expressão de beleza e verdade de observação”. O filólogo e crítico cearense Beni Carvalho, no artigo “A tragédia da seca num romance de mulher”, publicado na revista *Fon-Fon*, considera *O Quinze* “uma obra equilibrada de agudeza, de simplicidade forte, de arte autêntica e, sobretudo, de alta expressão social”, sem deixar de valorizar a leveza e sobriedade do texto para tratar de assunto tão pesado. Receptividade boa, portanto, do Nordeste ao Sudeste.

Rachel de Queiroz não podia imaginar que tinha acabado de publicar o que se tornaria um clássico. Deixou de incluir um glossário, não porque julgasse desnecessário, mas porque duvidava da importância da obra, como justificou no prefácio:

Mas, glossário, é coisa muito grave. É para livro consagrado. Livro em terceira ou quarta edição. Num romance anonymo, editado em província, ele dá impressão terrível de presunção e pernosticismo.

Depois de mais de cem edições de *O Quinze*, o argumento da autora vai por água abaixo: inclui-se agora não só um glossário (com indicações pelo sinal • na margem do texto) como fortuna crítica, além de cronologia comentada da autora.

“A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento. **Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa; mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.** O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.”

ISBN 978-85-6523-010-0



9 788565 230100